

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

DANIELA CRISTINA GOMES MARANHÃO

ANÁPOLIS-GO
2010

DANIELA CRISTINA GOMES MARANHÃO

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

Estudo de Caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

ANÁPOLIS-GO

2010

DANIELA CRISTINA GOMES MARANHÃO

RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-GO, 02 de Outubro de 2010.

APROVADA EM : _____ / _____ / _____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Sueli de Paula
Orientadora

Ms. Maria Inácia Lopes
Convidada

Ms. Antônio Fernandes dos Anjos
Convidado

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Rubem Alves

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	01
2 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGOGICO CLÍNICO	05
2.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS	05
3 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS	09
3.1 ANAMNESE	09
3.2 ENTREVISTA COM O CLIENTE	10
3.3 ENTREVISTA COM O PROFESSOR	11
3.4 OBSERVAÇÃO DOS MATERIAIS ESCOLARES	12
3.5 ATIVIDADES LÚDICAS	13
3.6 PROVAS OPERATÓRIAS	15
3.7 PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGOGICAS	16
3.8 HORA DO JOGO	19
3.9 PROVAS PEDAGÓGICAS	20
4 HIPÓTESE DIAGNÓSTICA	23
5 SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS	25
6 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	29
ANEXO	31

1 APRESENTAÇÃO

O presente relatório tem origem no estágio de psicopedagogia clínica que teve como objetivo o diagnóstico clínico de uma criança, do Centro Municipal de Ensino Desembargador Air Borges de Almeida, que está situado na rua S.W. 13 com AV. do Estado Vila Norte, com idade de 8 anos , que está cursando o 2º ano da primeira fase do ensino fundamental.

A Psicopedagogia tem como campo de atuação em saúde e educação que lida com o processo de aprendizagem humana, seus padrões normais e patológicos, considerando a influência do meio- familiar, escola e sociedade, no seu desenvolvimento, utilizando procedimentos próprios da psicopedagogia. (Código de Ética da ABPp, 1996)

A psicopedagogia estuda a aprendizagem humana normal e patológica, buscando reintegrar ao processo de construção do conhecimento o sujeito que apresenta problemas de aprendizagem entendendo que este é um processo vincular e lúdico, põe em jogo a articulação entre a inteligência e o desejo. A aprendizagem junto com a sexualidade é no ser humano o equivalente funcional do instinto no animal, conforme Sara Pain (1985). Para avaliar os processos que levam às perturbações de aprendizagem, necessitamos observar a dinâmica, o movimento, as tendências do desenvolvimento daquele que não aprende.

A psicopedagogia tem procurado, nas contribuições científicas da Neurologia, Psicanálise, psicolinguística, Pedagogia e Psicologia, atender as questões relacionadas aos problemas de aprendizagem. Foi-se desenvolvendo uma análise abrangente do processo de aprendizagem e das perturbações deste na situação escolar.

A ciência médica, através dos estudos neurológicos, das funções mentais superiores continua auxiliando no diagnóstico e observação evolutiva da criança e do adolescente em situações práticas e escolares.

A psicopedagogia busca nos estudos psicológicos e pedagógicos os aspectos consciente e inconsciente, presentes no ato de aprender, as teorias e técnicas que podem auxiliar no esclarecimento das dificuldades escolares e a evolução lógica e linguística necessária para as aprendizagens formais.

Na prática, o referencial teórico analisa os problemas de aprendizagem, a partir dos postulados da psicogênese de Jean Piaget sobre a inteligência e a avaliação qualitativa do conhecimento da criança e do adolescente bem como sobre as estruturas simbólicas ou afetivas que delineiam os vínculos com a aprendizagem

O psicopedagogo atua na psicopedagogia clínica e institucional. Den da psicopedagogia clínica, o papel do psicopedagogo é interpretar o processo de aprendizagem, verificar o que está por trás da linguagem, da organização do universo de significações, de representações, de desejo, daquele que não aprende.

Vejamos a definição de Bossa (2000, p.48) sobre os dois campos de atuação da psicopedagogia:

O trabalho clínico dá-se na relação entre um sujeito com sua história de aprendizagem, buscando compreender a mensagem de outro sujeito implícita no não-aprender. Nesse processo, onde investigador e objeto-sujeito de estudo interagem constantemente, a própria alteração torna-se alvo de estudo da Psicopedagogia. Isto significa que, nesta modalidade de trabalho, deve o profissional compreender o que o sujeito aprende, como aprende e porque, além de perceber a imensidão da relação entre psicopedagogo e sujeito de forma a favorecer a aprendizagem.

No enfoque preventivo “a instituição, enquanto espaço físico e psíquico da aprendizagem é objeto de estudo da Psicopedagogia, uma vez que são avaliados os processos didático-metodológicos e a dinâmica institucional que interferem no processo de aprendizagem. “O psicopedagogo é um “garimpeiro”, que busca nas diferenças o que o sujeito da aprendizagem possui de melhor. Essa é uma de suas principais funções.” (RUBINSTEIN 1996, p.127)

No trabalho psicopedagógico procuramos a relação do sujeito com o conhecimento e o significado que o aprender tem para ele. O psicopedagogo deve estar atento a todas as manifestações do paciente, entendê-las. È importante estabelecer um clima de confiança, de reciprocidade, para que este demonstre o funcionamento de suas áreas afetiva, cognitiva e motora, seus temores, angústias e fantasias.

Uma das principais funções e finalidades do psicopedagogo é pesquisar as possíveis razões para o fracasso escolar. Quando as pistas e os sinais são pesquisados nos discursos social e singular, há maiores possibilidades atender o sujeito da aprendizagem globalmente, podendo, com melhores condições, identificar e distinguir possíveis patologias das dificuldades de aprendizagem. (RUBINSTEIN, 1996, p. 129).

O processo diagnóstico é uma fase muito importante para o tratamento psicopedagógico de um indivíduo com dificuldade na aprendizagem. Neste processo

o psicopedagogo vai investigar aquilo que está acontecendo para que o indivíduo não apresente o resultado esperado na sua aprendizagem, tendo como parâmetro suas capacidades (WEISS,2003). Trata-se de uma pesquisa a ser realizada para que se possa dar um esclarecimento a uma queixa da família, da escola, do próprio indivíduo e de outro profissional, especificamente neste caso. Assim será possível traçar um plano de intervenção psicopedagógica.

Os problemas de aprendizagem estão ligados ao indivíduo como um todo, e o sintoma que emerge do processo de aprender coloca em cena a pessoa total, não existindo causas independentes mas sim produtos de uma estrutura global.

Para a Psicopedagogia, não se trata de enquadrar o indivíduo em categorias patológicas que possam vir, de futuro, a rotulá-lo aumentando, assim, sua baixa estima, seu bloqueio para o processo de aprender. O não-aprender, o fracasso escolar e as demais variantes do problema de aprendizagem requerem como nos lembra Bossa (1994, p.74) “uma análise cuidadosa de sua etiologia e particularidade”. O fracasso escolar surge da evolução da sociedade, como uma nova patologia, através da transformação do mundo do trabalho “em uma sociedade cada vez mais tecnicizada”, é, portanto, uma patologia nova na sociedade humana.

No entanto, é importante ter-se em mente que esta hipótese diagnóstica não é definitiva, podendo ser confirmada ou modificada ao longo de todo o processo psicopedagógico, só havendo maior clareza ao final do acompanhamento.

O diagnóstico psicopedagógico é um processo, um contínuo sempre revisável, onde a intervenção do psicopedagogo inicia segundo vimos afirmando, numa atitude investigadora, até a intervenção. É preciso observar que esta atitude investigadora, de fato, prossegue durante todo o trabalho, na própria intervenção, com o objetivo de observação ou acompanhamento da evolução do sujeito. (BOSSA, 1994, p.74).

Durante o estágio que aconteceu de 07 de junho a 19 de agosto de 2010, foram realizadas as 10 questões do diagnóstico onde foi atendido (V.E.), com a queixa familiar de dificuldade de aprendizagem, desinteresse pelas atividades escolares, inquietação, não tem interesse em participar de atividades de escrita e leitura, precisa da intervenção da professora para realizar as atividades de sala, falta estímulo familiar é inseguro a auto-estima é baixa é disperso.

No processo diagnóstico, o psicopedagogo utiliza várias técnicas, vários recursos aplicados em fases diferentes, contínuas e subsequentes. Segundo Pain (1985, p. 35), temos que levar em consideração nos momentos do diagnóstico os

“dados necessários para compreender o significado, a causação e a modalidade de perturbação que em cada caso motiva a demanda assistencial”.

2 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

2.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

2.1.1 Anamnese (do grego ana, trazer de novo e mnesis, memória) é uma entrevista realizada pelo médico ao seu paciente, que tem a intervenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma doença. Em outras palavras, é uma entrevista que busca lembrar todos os fatos que se relacionam com a doença e a pessoa doente.

Segundo Weiss, o objetivo da anamnese é “colher dados significativos sobre a história de vida do paciente.” (2003, p.61).

Esses dados são colhidos através de entrevista, conversa informal ou respondendo a um questionário.

2.1.2 Entrevista com o cliente

O diagnóstico psicopedagógico começa com a entrevista com o cliente e os pais, favorecendo uma riqueza considerável de dados importantes para a descoberta dos possíveis problemas de aprendizagem.

Nesta entrevista o psicopedagogo tenta obter uma visão ampla do cliente mediante perguntas relativas ao conhecimento de si mesmo, de como percebe sua vida na escola (relação com os companheiros, professores e outros profissionais da escola.), na família (relação com os pais e irmãos, organização familiar, normas, regras, conflitos...) e no núcleo de relações sociais que transita.

2.1.3 Entrevista com o professor

A entrevista com o professor traz à tona a forma pela qual o conhecimento é transmitido e assimilado pelo aprendente, bem como suas dificuldades de aprendizagem.

Diz Sara Paín: (1985) “a função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou outra, mas a forma como se instrumenta esta educação pode ter um efeito alienante ou libertador.”

2.1.4 Observação dos Materiais Escolares

A observação dos materiais escolares (livros, cadernos, agendas, pastas, atividades, trabalhos etc.) é um instrumento que nos ajuda compreender o modo como o sujeito se aproxima dos conteúdos escolares, observando como são as produções, o tipo de trabalho realizado, seus erros mais frequentes, suas facilidades, para que possamos levantar hipóteses de suas possíveis dificuldades e estratégias que utiliza.

Outro aspecto que a observação dos materiais escolares nos permite detectar é o trabalho real que se realiza na escola em sala de aula, quais são as atividades que se faz com mais frequência e quais aquelas que são realizadas esporadicamente ou quase nunca, além disso, pode-se observar a intervenção do professor nas atividades, como avalia, faz correção e de que tipo.

2.1.5 Atividades Lúdicas

É de extrema importância a brincadeira para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança, pois é através dela que a criança consegue expressar seus sentimentos em relação ao mundo social. Segundo Weiss (2003, p.72),

é no processo lúdico que a criança constrói seu espaço de experimentação, de transição entre o mundo interno e externo. Neste espaço transacional dá-se a aprendizagem. Por este motivo, torna-se tão importante no trabalho psicopedagógico.

A avaliação pedagógica pode ocorrer em situações criadas nas sessões lúdicas, observando-se tanto brincadeiras quanto em diferentes situações escolares e sociais como os usa no processo de assimilação de novos conhecimentos.

As atividades lúdicas preparam a criança para o desempenho de papéis sociais, para a compreensão do funcionamento do mundo, para demonstrar e vivenciar emoções. Quanto mais a criança brinca, mais ela se desenvolve sob os mais variados aspectos, desde os afetivo-emocionais, motor, cognitivo, até o corporal. É através da brincadeira que a criança vive e reconhece a sua realidade.

Para Vygotsky (1982 apud Kishimoto, 1994, p.43):

Há dois elementos importantes nos jogos infantis, a situação imaginária e as regras. Vygotsky deixa claro que, nos primeiros anos de vida, a brincadeira é a atividade predominante e constitui fonte de desenvolvimento ao criar zonas de desenvolvimento proximal. Ao prover uma situação imaginativa por meio da atividade livre, a criança desenvolve a iniciativa, expressa seus desejos e internaliza as regras sociais.

2.1.6 Provas Operatórias

Mediante as provas de Diagnóstico Operatório, podemos chegar a determinar o grau de aquisição de algumas das noções chaves do desenvolvimento cognitivo a que fizemos referência e que logo descrevemos cujo conteúdo se leva em conta em cada uma delas de um modo muito específico. Algumas provas versam sobre noção de conservação de quantidade, referindo-se a aspectos numéricos, geométricos ou físicos, e outras indagam as questões vinculadas às classes e as relações. (Mac Donell).

2.1.7 Provas Projetivas Psicopedagógicas

Para Visca (1997a), os obstáculos produzidos por problemas no desenvolvimento da estrutura cognitiva do sujeito, só podem ser estudados mediante a utilização das Provas Operatórias Piagetianas. A validade destas provas está condicionada a um planejamento organizado, à correta aplicação e análise e conclusões úteis para entender sobre a aprendizagem do sujeito.

As Técnicas Projetivas Psicopedagógicas (Visca, 1997) permitem investigar os vínculos que o sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita, como também com as circunstâncias dentro das quais ocorre tal construção. A Técnica Projetiva busca o tipo de vínculo que o sujeito estabelece não apenas com o professor, os conteúdos, colegas e a escola, mas também a relação com as pessoas fora da comunidade escolar: os adultos significativos que lhe oferecem ou não modelos de aprendizagem e os cenários onde isto ocorre.

2.1.8 Provas Pedagógicas

Segundo MOURA (1999, p. 140):

A alfabetização consiste num processo pedagógico e epistemológico deve possibilitar, ao sujeito, a apropriação do sistema de representação da linguagem escrita e a sua conseqüente reconstrução e utilização para si como objeto possibilitador da apropriação de novos conhecimentos e de intervenção em diferentes situações sociais.

Através das provas pedagógicas de português e matemática, pode-se perceber o vínculo do paciente com a leitura, escrita e o desenvolvimento do seu raciocínio lógico, bem como a interpretação e compreensão de textos e situações problemas.

2.1.9 Hora do Jogo

Possibilita o desenvolvimento e posterior análise das significações do aprender para a criança.

Compreender alguns dos processos que podem ter levado à instalação de alguma patologia no aprender. Observar a inter-relação inteligência-desejo-corporeidade. Analisar a modalidade de aprendizagem. Ver a capacidade da criança para argumentar, para construir uma história e em que medida a cognição põe-se a serviço de organizar seu mundo simbólico.

3 ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS

3.1 ANAMNESE

A anamnese foi realizada com a mãe do paciente através de conversa informal. Foram observados fatos relevantes para entender o histórico de vida do V.E.

A ausência do pai que ele não conheceu diante dessa ausência o V.E. perde essa referência paterna, transferindo para a mãe suas expectativas de amor paterno.

Com o pai fazendo parte de sua vida, a criança pode desenvolver uma nova atitude para com a mãe, influenciada pela descoberta do pai. Um longo caminho foi percorrido no seu desenvolvimento emocional. (WINNICOTT, 1996).

As contribuições de Winnicott (1996) são fundamentais à compreensão do valor atribuído à relação inicial da criança com sua mãe e à relação da criança com seu ambiente familiar, onde deve receber afeto, proteção, atenção e limites, fatores fundamentais à organização futura. Para o autor, o sentido de identidade pessoal, aspecto essencial ao ser humano, está totalmente condicionado à existência de uma maternagem satisfatória.

Ainda segundo Winnicott (1996), é preciso que as crianças tenham vivenciado a experiência de holding, pois disso deriva a confiança básica no mundo, expressão por excelência da nova subjetividade. Dessa forma, entende-se que o fato de a mãe assumir sozinha a manutenção da família a sobrecarrega muito, o que a deixa mais volúvel e reduz o tempo destinado a si e aos filhos, trazendo-lhe mais preocupações e angústias, situação que, sem dúvida, se reflete em sua relação com os filhos. (A função do holding em termos psicológicos é fornecer apoio egóico, em particular na fase de dependência absoluta antes do aparecimento da integração do ego. O holding inclui principalmente o segurar fisicamente o bebê, que é uma forma de amar; contudo, também se amplia a ponto de incluir a provisão ambiental total anterior ao conceito de viver com, isto é, da emergência do bebê como uma pessoa separada que se relaciona com outras pessoas separadas dele.)

O histórico da gravidez e parto são ditos normais, segundo Sara Paín algumas circunstâncias do parto como a falta de dilatação, circular de cordão, emprego de fórceps, adiantamento de intervenção de cesárea, “costumam ser causa de destruição de células nervosas que não se reproduzem e também de posteriores transtornos, especialmente no nível de adequação perceptivo-motriz” (PAÍN, 1985, p.43).

Foi relatado sobre o desenvolvimento psicomotor que o V.E. engatinhou aos 8 meses, andou com 10 meses. Período Sensório-motor (0 a 2 anos): Segundo Piaget a criança progressivamente, vai aperfeiçoando tais movimentos reflexos, adquirindo habilidades e chega ao final do período sensório-motor já se concebendo dentro de um cosmo "com objetos, tempo, espaço, causalidade objetivados e solidários, entre os quais situa a si mesma como um objeto específico, agente e paciente dos eventos que nele ocorrem" (id ibid).

O paciente mora com a avó materna que cuida dele para a mãe trabalhar, quase não fica com a mãe; o V.E. demonstra carência afetiva pela ausência da mãe.

... toda anamnese já é em si uma intervenção na dinâmica familiar em relação à “aprendizagem de vida”. No mínimo se processa uma reflexão dos pais, um mergulho no passado buscando o início da vida do paciente, o que inclui espontaneamente uma volta à própria vida da família como um todo. (Id. Ibid., 2003,p. 63)

Através da família pode-se conhecer melhor o paciente e descobrir fatos relevantes que levam à dificuldade de aprendizagem; só trabalhando em conjunto: escola e família e com a intervenção psicopedagógica é que podemos garantir sucessos relevantes no desenvolvimento do paciente.

3.2 ENTREVISTA COM O CLIENTE

O objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no Modelo de Aprendizagem do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem dentro do esperado pelo meio social (WEISS, 2003, p. 32).

O cliente demonstrou timidez sem conseguir me olhar nos olhos. Sabe dar informações básicas sobre sua vida, como nome completo, idade, em que série está, o nome da professora e da mãe sem o sobrenome, também nome e idade das irmãs e a série da irmã mais velha, o endereço onde mora. O que mais gosta de fazer é assistir desenhos mas não sabe o nome do desenho preferido. Faz tarefas

da escola quando chega, ou com a mãe nos dias de folga (demonstra confusão ao explicar sobre como são feitas as tarefas de casa). Não recebe colegas em casa, quase não passeia, não sabe explicar quem são as pessoas que moram em sua casa, tem muita dificuldade em falar de sua vida familiar.

Na escola, seus melhores amigos são Jeferson e Tiago, são os únicos citados por ele. Gosta de fazer tarefa, não sabe dizer o que não gosta na escola. Acha as provas difíceis, gosta de brincar de pega-pega e soltar pipa. Gosta de ler as palavras da “família do dado” e de desenhar. Gosta de futsal, mas não sabe explicar sobre o jogo e nem se já jogou. Tem medo de altura, (me chamou atenção como foi rápido em dar essa resposta), quando pergunto a quem ele pede ajuda quando está com medo ele diz que pede ajuda ao amigo Tiago.

Há uma pobreza em seus relatos, não há coerência nos fatos vivenciados, quando tem que responder perguntas mais complexas demonstra confusão, não deixando claro o seu papel dentro do círculo familiar e escolar. V.E. só responde o que pergunto, não argumenta, não pergunta, fica quieto e só presta atenção ao que eu falo como se estivesse alheio ao que acontece em sua volta.

Sobre essa dificuldade de argumentar, ou até mesmo questionar, Alcía Fernandez diz: A dificuldade para dar argumentos está relacionada com o não querer definir-se por algo. Argumentar é dar uma hierarquia de valores, é colocar as coisas numa sequência. Às vezes, é isto que se quer evitar. (FERNÁNDEZ 1991).

3.3 ENTREVISTA COM O PROFESSOR

Segundo a Professora do V.E. ele é desatento, expressa e se comunica por meio de palavras, transmite recados de forma compreensível, descreve objetos e pessoas, desenha, conta e reconta. Relaciona-se bem com os colegas, respeita as regra de convivência, participa de atividades em grupo.

Mostra-se inseguro e dependente nas atividades propostas, é ansioso e disperso. Precisa de um acompanhamento mais efetivo da mãe que segundo a professora é ausente no que diz respeito à escola. Tem certa dificuldade com ele por não acompanhar a turma nas atividades propostas ele se torna ocioso e por consequência indisciplinado.

Segundo Fernández:

O sintoma-problema de aprendizagem expressa o atrape do aprender por desejos inconscientes. As possibilidades existem, como a comida para o anoréxico, mas se perdeu o desejo de aprender. Em troca, a criança que apresenta um problema de aprendizagem reativo pôde, como o desnutrido, desejar aprender, mas não lhe foram proporcionadas situações de aprendizagem viáveis. (1991,p.83).

Diante do relato da professora da vida escolar do V.E., pôde-se inferir que o aprender tornou-se algo distante dele, por não ler e escrever fica alheio às atividades propostas, não consegue realizá-las como os colegas, tem desejo em aprender, mas as situações de aprendizagem não foram viáveis, faltando maior participação e estímulo familiar nesse processo de aprendizagem.

3.4 OBSERVAÇÃO DOS MATERIAIS ESCOLARES

Utilizam cadernos, livros, atividades xerocadas coladas nos cadernos. Em seus cadernos encontrei atividades inacabadas, atividades de casa feitas por familiares, não demonstra organização e nem limpeza. A professora faz a correção das atividades, não tem nenhuma observação importante no caderno além das correções de rotina. Nos desenhos utiliza cores claras, desenhos pequenos sem ocupar todo o espaço da folha.

Isto evidencia a necessidade constante da intervenção de um adulto (professores ou familiares), para ajudar na organização de seus materiais e atividades escolares.

Para Piaget,

...o conhecimento não pode ser concebido como algo pré-determinado nem nas estruturas internas do sujeito, por quanto estas resultam de uma construção efetiva e contínua, nem nas características pré existentes do objeto, uma vez que elas só são conhecidas graças a mediação necessária dessas estruturas. (FERREIRO, 1999, p.22).

Quanto à escrita, não respeita limites, o aluno está no nível silábico alfabético com valor sonoro, tem dificuldade nas atividades que envolvem produção de texto, cálculos. Não tem dificuldade em habilidades manuais como recortes, colagens, dobraduras, etc.

O método de ensino da escola é o sócio-interacionista, “A abordagem sócio - interacionista concebe a aprendizagem como um fenômeno que se realiza na

interação com o outro”. A aprendizagem acontece por meio da internalização, a partir de um processo anterior, de troca, que possui uma dimensão coletiva.

Segundo Vigotsky, a aprendizagem deflagra vários processos internos de desenvolvimento mental, que tomam corpo somente quando o sujeito interage com objetos e sujeitos em cooperação. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1998 p. 75)

Os conteúdos são voltados para os temas transversais valorizando o contexto de vida e a socialização do aluno.

O paciente não apresenta um nível de pensamento adequado ao ano escolar e faixa etária. As atividades predominantes são construções de palavras e textos, situações problemas, leituras compartilhadas de gêneros textuais diversos.

O paciente tem a autoestima baixa, a algumas oscilações em seu comportamento; quando isso ocorre, regride no seu rendimento escolar.

Diante das observações evidencia-se hiperacomodação que segundo Fernandez, A hiperacomodação: pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência à crítica às normas, submissão. Lamentavelmente, a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa/hiperacomodativa é a vedete de nosso sistema educativo. (1991, p.110).

3.5 ATIVIDADES LÚDICAS

Foram utilizadas as seguintes atividades:

✓ Dobraduras

Brincar com uma dobradura faz com que a criança movimente o seu olhar numa direção e outra, a exemplo dos movimentos de um barco pra lá e pra cá e de um balão subindo e descendo, treinando assim a mobilidade ocular para a leitura e a escrita, de suma importância, uma vez que diante da TV ela só converge o olhar.(ASCHENBACH, 1988)

Trabalha o campo simbólico e as habilidades criativas, além de contribuir com o desenvolvimento viso motor e psicomotricidade fina e ampla.

A atividade foi desenvolvida com V. E. observando a coordenação motora fina, criatividade e o desenvolvimento viso motor. Ele me observou fazer a

dobradura e fez junto comigo; sua coordenação motora fina e habilidades visomotoras são positivas, não teve criatividade em criar outras dobraduras.

✓ Colagens

Utilizei colagens para observar sua criatividade em desenhos a partir de figuras geométricas, percepção das cores, nomes das figuras utilizadas e coordenação motora fina. Nesta atividade o resultado foi positivo em todos os objetos observados.

✓ Jogo dos Sete Erros

No jogo dos sete erros foram observadas a percepção visual, concentração e atenção. Diante do que foi observado V.E. não conseguiu chegar ao final da atividade, demonstrando desinteresse quando não conseguiu de imediato achar todos os erros.

✓ Quebra-Cabeça

Nesta atividade foram observadas atenção e percepção visual. Diante do que foi proposto V.E. conseguiu montar o quebra-cabeça.

✓ Jogos com regras

✓ Jogo da memória

Jogo que prioriza a percepção visual, que do ponto de vista psicológico ou cognitivo, a percepção envolve também os processos mentais, a memória e outros aspectos que podem influenciar na interpretação dos dados percebidos.

Segundo Vygotsky, é através do jogo que a criança aprende a agir, sua curiosidade é estimulada, adquire iniciativa e autoconfiança, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração (VYGOTSKY, 1998).

Jogo Educativo de trânsito (corrida com dados)

Jogo que prioriza as regras, comportamento sócioafetivo, concentração e atenção.

Nos dois jogos V.E. demonstrou interesse, compreendeu as regras, obedeceu os comandos, aceitou perder, às vezes perdeu a concentração, demonstrou-se às vezes inseguro, consegue contar as peças e identificá-las, tem um bom comportamento sócioafetivo.

Segundo Vygotsky, o jogo de regras, entretanto, começa a se manifestar por volta dos cinco anos, desenvolve-se principalmente na fase dos 7 aos 12 anos.

Este tipo de jogo continua durante toda a vida do indivíduo (esportes, trabalho, jogos de xadrez, etc.). Este jogo aparece quando a criança abandona a fase egocêntrica possibilitando desenvolver os relacionamentos afetivosociais.

3.6 PROVAS OPERATÓRIAS

3.6.1 Provas de Classificação

Indagam o domínio da criança a respeito desta noção. As três provas de classificação repousam sobre uma estrutura afim (coordenação da compreensão e extensão das classes e manejo das relações de inclusão) ainda que se refiram a diversos conteúdos.

Intersecção de Classes

Na prova de classificação Intersecção de classes, as respostas de V.E. evidenciam segundo Mac Donell (1979, p.19) que ele se encontra em transição do nível 1 para o nível 2 , ele não compreende a inclusão e intersecção e não obteve êxito nas perguntas suplementares porque não leva em conta o conteúdo da intersecção. Tal resposta é compatível com a idade e com o nível de pensamento pré-operatório.

✓ Prova de Inclusão de Classes

Na prova de intersecção de classes as respostas do V.E. segundo Mac Donell (1979, p.20) observam-se poucas condutas intermediárias. Notam-se dúvidas por parte da criança na pergunta: Há mais margaridas ou mais flores? A criança às vezes, responde: “as margaridas também são flores!” Neste nível o experimentador contesta bem as perguntas 3ª e 3b.

✓ Prova de Seriação de Palitos

Na prova de seriação de palitos as respostas do V.E. segundo Mac Donell (1979, p.40) evidenciam êxito por tentativas, é uma seriação realizada intuitivamente por comparações sucessivas. Consegue intercalar elementos mediante novas tentativas e, em ocasiões, recomeça tudo. Falta-lhe um esquema antecipatório e um método sistematizado (próprio do nível 3), quando se utiliza o anteparo (conduta em que geralmente não tem êxito).

✓ Prova de Conservação da Quantidade de Matéria

O V.E. reconhece as cores, quando a massinha está com formas iguais, ele diz que tem a mesma quantidade mas quando muda o formato ele acha que, a que está diferente do formato inicial, tem mais quantidade.

Segundo Mac Donell (1979,p.28) as respostas de V.E. evidenciam que ele se encontra no nível 2 onde ocorre condutas intermediárias próprias do pensamento intuitivo articulado. Os juízos oscilam em uma mesma transformação.

✓ Prova de Conservação de Peso

O V.E. diante da prova oscila nas respostas conforme a massinha muda de forma, quando insisto nas perguntas ele se mostra confuso e me dá a resposta positiva como eu estou perguntando e começa a ficar impaciente com a minha insistência.

Segundo Mac Donell (1979, p.30) as respostas de V.E. evidenciam que ele se encontra no nível 1, não conservação, recordar a igualdade de peso inicial não modifica, de forma alguma o juízo da criança. Neste nível o problema de retorno empírico, a inversibilidade, pode ou não ser resolvido corretamente.

✓ Prova de Composição de Quantidade de Líquido

Durante a prova V.E. preenche os copos com a mesma quantidade de líquido, quando começo a perguntar sobre os tamanhos e formas, ele tenta modificar a quantidade de líquido mas a solução consiste num rebaixamento do nível do copo. Quando pergunto sobre a quantidade maior de líquido em um dos copos ele responde que o copo de nível mais elevado, é maior.

Segundo Mac Donell (1979, p.39) evidenciam que o V.E. se encontra no nível 1 quando o experimentador efetua uma solução de rebaixamento do nível em compensação do diâmetro, a criança julga que a quantidade que há no copo, de nível mais elevado, é maior. Resposta com o nível de pensamento em que ele se encontra é pré-operatório.

3.7 PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGOGICAS

3.7.1 Par Educativo

O Par Educativo investiga os vínculos com a aprendizagem, a relação com os objetos de aprendizagem, com quem ensina e de quem aprende consigo mesmo nesta situação.

No Par Educativo realizado pelo V.E. foram observados e analisados os indicadores:

- ✓ O desenho é grafado pequeno (-), o que permite inferir que há presença de um vínculo negativo com a aprendizagem.
- ✓ O desenho dos personagens é grafado pequeno (-), tanto do aprendente como o do ensinante indicando uma desvalorização dos personagens . Vínculo confuso com quem ensina.
- ✓ Ausência dos objetos de aprendizagem (-), denota uma desvalorização do conhecimento e/ou conteúdos específicos.
- ✓ O tipo de cena é escolar não produtiva (-), não há objetos de aprendizagem.
- ✓ Os personagens estão perto um do outro(+), manifestando uma relação positiva, com possibilidade de integração de experiências, informações e trocas afetivas.
- ✓ Os personagens entre si estão lado a lado, evidenciando aproximação entre professor e aluno, porém tal aproximação não garante a aprendizagem. (vínculo regular de aprendizagem).

Não há correspondência entre o relato e o desenho (-). O relato foi feito oralmente e registrado por mim, pela dificuldade do cliente em escrever, evidenciando uma desintegração entre as formas de representar a realidade, acompanhada de falta de objetividade, análise, síntese e capacidade de generalizar.

Após a análise dos indicadores, o vínculo com a aprendizagem é negativo, levantando a hipótese da modalidade de aprendizagem hiperacomodação , onde se observam pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência, submissão.(FERNÁNDEZ, 1991).

3.7.2 Eu e Meus Companheiros

Tem como objetivo estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe.

V.E. Desenhou os dois colegas Jeferson e Tiago com os quais ele tem maior afinidade e ele único comentário que fez é que os colegas são bons. Personagens pequenos, próximos um do outro, sem a presença da professora e ausência de objetos de aprendizagem.

Para Sara Paín, o que podemos avaliar através do desenho ou relato é a capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa e elaborar a emoção. Também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento. Esta autora ainda nos diz que o pensamento fala através do desenho onde se diz mal ou não se diz nada, o que oferece a oportunidade de saber como o sujeito ignora (1985, p. 61).

✓ Indicadores:

O desenho foi grafado pequeno, no tamanho total e dos personagens, estando relacionado com a importância que se designa a este vínculo que corresponde a uma ausência de maior peso na rede vincular.

O tamanho pequeno dos personagens denota uma desvalorização e a rejeição dos colegas.

A posição dos personagens, o cliente localizado em um extremo do grupo implica em uma integração relativa.

No que diz respeito ao caráter completivo do desenho não há detalhes significativos dos personagens indicando um menor vínculo com os colegas. Os comentários sobre os companheiros demonstram contradições e subvínculos com cada membro do grupo.

O docente é indiscriminado, existindo uma notória dificuldade para distingui-lo do plano do ensino-aprendizagem e das relações de amizade.

Cada membro possui modelo de aprendizagem, que no interjogo de relações com os outros se enriquece ao mesmo tempo em que enriquece os modelos dos outros. Porém abordar os conhecimentos, atitudes e destreza dos pares serão aceitos ou não, em função do vínculo afetivo estabelecido. (VISCA, 1997).

Infere-se que o vínculo de aprendizagem é negativo, voltando nos quatro níveis que entram em ação para que se possa aprender (orgânico, corporal, intelectual e desejante).

3.7.3 Família Educativa

Segundo Visca (1997) A Família Educativa tem como objetivo averiguar a representação que o entrevistado faz do que os membros do grupo familiar sabem e o modelo de aprendizagem que os mesmos possuem e transmitem.

Voltando a nosso recorte de quatro níveis (orgânico, corporal, intelectual e desejanste) que entram em ação para que se possa aprender, observamos que tanto na construção como na dinâmica de cada um deles, intervém a família. (FERNÁNDES, 1991, p. 97)

✓ Indicadores:

A atividade de cada personagem mostra o que cada um faz em casa, possuindo um caráter intimista, implicando na identificação de um ou outro.

Os objetos com que realiza as atividades indicam um grau de conhecimento e flexibilidade.

Segundo Jorge Visca “cada contexto oferece diferentes crenças, conhecimentos, atitudes e habilidades.” (SAMPAIO, 2004)

A relação de parentesco com o entrevistado é de irmãos com quem, por uma parte, existe um vínculo afetivo mais global que exclusivamente relacionado com a aprendizagem.

O relato do desenho indica que diante da fala do V.E. eles já sabiam desempenhar as atividades domésticas; implica um conhecimento instrumental por imagens e operações, indicando um menor vínculo em termos de aprendizagem. A ausência de quem ensina implica um vínculo negativo com a aprendizagem.

3.8 HORA DO JOGO

“O saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando. Aí encontramos uma das interseções entre o aprender e o jogar.” (FERNÁNDEZ ,1991 p.165).

V.E. logo que entrou abriu a caixa pegou um gibi e folheou. Passados alguns instantes pegou papel colorido observou e guardou. Brincou com jogo pedagógico, guardou dentro da caixa. Pegou chamex colorido, massinha de modelar e brincou em cima do papel, não formou nenhuma figura específica. Trocou a massinha por tinta guache e ficou pintando o papel sem desenhos específicos. Ao fim da sessão pedi que guardasse tudo na caixa.

V.E. permaneceu sentado, de cabeça baixa, demonstrou prazer em brincar, não teve a curiosidade de explorar todos os objetos da caixa.

Pude observar a repetição do esquema de ação, que segundo Piaget, esquema é o elemento de estrutura que se adapta. O processo de adaptação é descrito pelos conceitos gêmeos de assimilação e acomodação. Tais conceitos não apenas mostram que os padrões de comportamento são, às vezes, adequados para enfrentar um problema e, outras vezes, precisam ser modificados para tornar-se eficientes, mas também indicam que o indivíduo é atraído para problemas que exigem sua adaptação e que se “alimenta” de tais desafios para crescer em sua eficiência comportamental. (PIAGET, 1991)

Repetiu-se a modalidade de aprendizagem hiperacomodação/hipoassimilação, que segundo Alicia Fernández (1991). Se acomodar-se é abrir-se para a internalização, o exagero disto pode levar a uma pobreza de contato com a subjetividade, levando à submissão e à obediência acrítica. Essa sintomatização está associada à hipoassimilação. Nesta sintomatização ocorre uma assimilação pobre, o que resulta na pobreza no contato com o objeto, de modo a não transformá-lo, não assimilá-lo de todo, apenas acomodá-lo. A aprendizagem normal pressupõe que os movimentos de assimilação e acomodação estão em equilíbrio. O que caracteriza a sintomatização no aprender é predomínio de um movimento sobre o outro. Quando há o predomínio da assimilação, as dificuldades de aprendizagem são da ordem da não resignação, o que leva o sujeito a interpretar os objetos de modo subjetivo, não internalizando as características próprias do objeto.

Segundo Peterson e Fellton-Collis (2002)

quando uma criança é estimulada e encorajada a seguir seus interesses, ela se envolve no verdadeiro processo do conhecimento. Em suas tentativas de encontrar sentido no que vê e de resolver os problemas com os quais se depara, ela se motiva a buscar soluções.

3.9 PROVAS PEDAGÓGICAS

3.9.1 Provas de Português

Através das atividades desenvolvidas com V.E. pode-se observar o nível de evolução da escrita em que ele se encontra.

Segundo Emília Ferreiro, a criança formula hipóteses de como se lê e como se escreve até construir ela mesma a hipótese utilizada na escrita e leitura de sua língua materna. (FERREIRO,1999).

O V.E. está no nível silábico com valor sonoro, onde há um avanço e cada sílaba é representada por uma vogal ou consoante que expressa o seu som correspondente.

No ditado ele apresenta letra ilegível, troca de letras ou sílabas, omissão de letras ou sílabas, repetição de palavras, confusão de letras de formas parecidas.

Na produção de texto, como não consegue escrever convencionalmente, ele escreve dentro de seu nível de escrita, oralmente ele narra os fatos da história criada por ele, mas não há coerência dos fatos narrados.

Cópia do texto ilegível, não consegue fazer a interpretação do texto, lê com dificuldade, mas não compreende o que lê.

Diante das provas aplicadas pode-se observar que V.E. se encontra, segundo Alicia Fernández na modalidade de aprendizagem inibição cognitiva que em geral, remete a uma diminuição apresentando-se como hipoassimilação/hipoacomodação.(FERNÁNDEZ, 1991 p. 87)

Segundo Emília Ferreiro, em seus estudos sobre a psicogênese da língua escrita, pesquisaram sobre o sistema de escrita considerando suas origens psicogenéticas e históricas como ponto inicial de um processo evolutivo e natural que culmina com a aprendizagem do código linguístico, a partir de hipóteses que a criança formula na compreensão da escrita, relacionando a combinação de letras ao som da fala. Nem todas as crianças de um grupo situam-se num mesmo momento do processo evolutivo. É importante que a escola compreenda esse processo e que repense sua metodologia ensinando o que a criança consegue aprender. (FERREIRO,1999)

“O êxito da aprendizagem depende então das condições em que se encontre a criança no momento de receber o ensino, em relação ao momento conceitual em que se situa.” (FERREIRO, 1999)

3.9.2 Provas de Matemática

Foram aplicadas atividades como: situações-problemas de adição e subtração, conjuntos, quantidades, sequência numérica.

As respostas das atividades aplicadas ao V.E. evidenciam dificuldade em ler e entender o que lê, não possui raciocínio lógico necessário de acordo com a idade e o período pré-operacional que se encontra. Não há correspondência termo a termo, falta determinação do valor posicional do número, tem noção de espaço nos conjuntos matemáticos, percepção dos comprimentos e das formas geométricas, entende sequência numérica, que número vem antes ou depois de outro. Não reconhece sinais de adição e subtração, não interpreta problemas.

Demonstra uma falta de interesse em realizar as atividades como se quisesse se ver livre da situação de aprendizagem, não há prazer em aprender.

Segundo Fernández, a aprendizagem é um processo que se significa familiarmente, ainda que se aproprie individualmente, intervindo o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo do aprendente e também do ensinante, mas o desejo é necessariamente o desejo do outro. (1991, p. 116)

O processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança.

Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente.

4 HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

Num enfoque psicopedagógico, encaramos os transtornos de aprendizagem como um sintoma, um sinal de descompensação, no sentido de que não são permanentes, sendo passíveis de transformação.

A hipótese fundamental para avaliar o sintoma é entendê-lo como um estado particular de um sistema que para equilibrar-se precisa adotar esse tipo de comportamento que poderia merecer um nome positivo, mas que caracterizamos como não-aprender (PAIN, 1985).

Estando a origem de toda a aprendizagem nos esquemas de ação através do corpo, precisamos verificar, primeiramente, como estão sendo processadas as principais funções e a integridade dos órgãos ligados a elas, para podermos, posteriormente, considerar os aspectos cognitivos. Estes dizem respeito ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas que proporcionam a possibilidade de conhecimento por parte do sujeito, em sua interação com o meio. Nessa área podemos incluir as funções de percepção, discriminação, atenção, memória e processamento da informação. Não podemos nos esquecer de que os fatores motivacionais são muito importantes na construção do significado daquilo que se aprende, formando uma rede de inter-relações entre esses conteúdos e aquilo que já se conhece. Assim, os aspectos emocionais interferem na construção do conhecimento.

Através do processo de diagnóstico clínico, dos instrumentos utilizados para avaliar as queixas feitas pela escola e pela família pode se inferir a hipótese diagnóstica inibição cognitiva onde encontraremos diminuição, evitação ao contato com o objeto do pensamento remetendo modalidade de aprendizagem hipoassimilação/hiperacomodação.

Sendo hipoassimilação/hiperacomodação, pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da limitação, falta de iniciativa, obediência à crítica às normas, submissão, desrealização do pensamento, dificuldade para resignar-se.

Para Fernández

Assim como em todo processo de aprendizagem estão implicados os quatro níveis (organismo, corpo, inteligência, desejo) e não se poderia falar de

aprendizagem excluindo algum deles, também no problema de aprendizagem, necessariamente estarão em jogo os quatro níveis em diferente grau de compromisso.

A aprendizagem é um processo em que intervém a inteligência, corpo, o desejo, o organismo, articulados em um determinado equilíbrio; mas a estrutura intelectual tende também a um equilíbrio para estruturar a realidade e sistematizá-la através de dois movimentos que Piaget definiu como invariante: assimilação e acomodação.(FERNÁNDEZ 1991)

Tendo as causas dos sintomas de dificuldade de aprendizagem referentes, o fato de não conhecer o pai, a falta de estímulo pela família e escola, ausência da mãe na vida escolar do filho e por se tratar de uma criança com autoestima baixa, se faz necessária a valorização de suas atividades por parte da escola e família, que devem mostrar um novo caminho de aprendizagem que condiz com a dificuldade da criança, despertando o interesse dela pela aprendizagem dentro e fora do ambiente escolar e não só o aprender por aprender mas aprender para participar, socializar-se, comunicar-se e ser valorizado pelo conhecimento adquirido, dando um novo sentido à aprendizagem.

5 SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS

No sentido da clínica psicopedagógica a devolução é uma comunicação verbal, feita aos pais e ao paciente, dos resultados obtidos através de uma investigação que se utilizou do diagnóstico para obter resultados. “... talvez o momento mais importante desta aprendizagem seja a entrevista dedicada à devolução do diagnóstico, entrevista que se realiza primeiramente com o sujeito e depois com os pais (quando se trata de uma criança, é claro)” (PAÍN, 1985, p. 72).

Sugestões:

✓ Para a Professora

*Favorecer a valorização da aprendizagem formal como algo significativo.

*Promover a construção dos processos de leitura e escrita por meio de atividades prazerosas com significado contextualizado por meio de atividades lúdicas.

*Propiciar momentos prazerosos e significativos de leitura, com histórias que despertem a imaginação e curiosidade e vários gêneros textuais valorizando a função contextualizada da leitura.

*Desenvolver atividades de produção textual, com reconto e criação de textos, respeitando a hipótese de escrita e valorizando a criatividade.

*Elaborar atividades que desenvolvam atenção e concentração, explorando cada elemento e elaborando estratégias de resolução.

*Favorecer a socialização através de debates, trabalhos em grupo que levem o V.E. a organizar o pensamento lógico sobre vários assuntos, valorizando o modo de se expressar.

*Utilizar jogos com regras para favorecer o desenvolvimento cognitivo.

*Estabelecer rotina diária das atividades escolares, visando facilitar sua organização no tempo e espaço, bem como trabalhar calendário, relógio, datas comemorativas, dias da semana, meses do ano.

✓ Para a Família

*Estabelecer regras de disciplina claras e objetivas em casa.

*Cuidar para que tais regras sejam cumpridas retomando-as e explicando-as sempre que se fizer necessário.

*Orientar para que execute suas atividades por completo. Quando chegar a abandoná-las ou realizá-las de maneira errada orientá-lo a retomá-las ou refazê-las.

*Estabelecer rotinas para as atividades da vida cotidiana e escolar (tarefas de casa).

*Ajudá-lo a organizar materiais escolares, e pertences.

*Estabelecer momentos de diálogo, valorizando os relatos de fatos vivenciados por ele.

*Acompanhar as atividades escolares demonstrando interesse pela sua aprendizagem e elogiar sempre o que produz na escola.

*Propiciar momentos de lazer prazerosos com a família.

*Providenciar materiais que favoreçam o contato com a leitura e escrita (gibis, revistas, jogos educativos, livros, caça palavras etc.).

✓ Encaminhamentos

*Acompanhamento Psicopedagógico

*Apoio Pedagógico

6 CONCLUSÃO

Ao concluir o estágio em psicopedagogia clínica, pude perceber a importância do papel da psicopedagogia na educação, auxiliando no processo ensino-aprendizagem, favorecendo o bom êxito do desempenho escolar, trabalhando com as dificuldades de aprendizagem dentro da realidade vivida por cada criança.

A psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem e se tornou uma área de estudo específica que busca conhecimento em outros campos e cria seu próprio objeto de estudo. (Bossa, 2000, p. 23).

A psicopedagogia não pode ser adaptativa, preenchendo as lacunas deixadas por um processo escolar, deve principalmente resgatar o desejo de aprender. Para Sara Paín (1985), é fundamental que o psicopedagogo tenha presente a função da ignorância. Por trás da ignorância está a estrutura cognitiva da criança, o não querer aprender é a simbolização que isto representa em sua história vital. A função da ignorância é verificar que o aluno não aprendeu, mas sabe algo de forma diferente e a partir disto deve apresentar o conteúdo de outra maneira.

O estágio em psicopedagogia clínica teve início em 7 de junho de 2010 e término em 19 de agosto de 2010.

O diagnóstico clínico foi realizado com o V.E. aluno do 2º ano da 1ª fase do ensino fundamental, do C.M.E.D. Air Borges de Almeida, com a queixa da escola e da família sobre a dificuldade de aprendizagem.

Foram realizadas durante o período do estágio as 10 questões do diagnóstico. Após o término da aplicação dos instrumentos utilizados no diagnóstico clínico, levantou-se a hipótese diagnóstica sintoma remetendo modalidade de aprendizagem hipoassimilação/hiperacomodação.

Foram feitas algumas sugestões tanto para a professora como para a família do V.E. visando melhorar a autoestima, favorecer o processo ensino aprendizagem, desenvolver a socialização e raciocínio lógico. Também foram feitos encaminhamentos para acompanhamento psicopedagógico e apoio pedagógico.

“Permitir a criança apropriar-se de um conhecimento é permitir-lhe fortificar seu ego, na medida em que ela pode se constituir em uma personalidade mais segura, mais dominante e mais responsável.” (PAÍN, 1996).

Concluído este estágio em psicopedagogia clínica, há necessidade de se divulgar o trabalho psicopedagógico e seu papel dentro da educação, favorecendo o processo ensino aprendizagem permitindo o acesso ao conhecimento de todos, sem restringir o conhecimento aos que se dizem “capazes” de aprender sem intervenções, pois, afinal, cada ser é único e sendo único tem meios próprios de chegar ao conhecimento. Basta a cada um de nós educadores estarmos atentos à necessidade de cada aprendente, dando a ele condições para que desenvolva todas as suas habilidades para se tornar um ser pensante, consciente de seu papel na sociedade, capaz de fazer escolhas e conquistar o seu sucesso.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASCHEMBACH, M. H. C. V. **As Dobraduras de Papelino**. São Paulo: Ed. Nobel, 1988.

BOSSA, Nádía A. **Fracasso Escolar um Olhar Psicopedagógico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BOSSA, Nádía A. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a Partir da Prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Código de Ética da ABPp. 1996.

DONELL, Mac; CONTE, Tuan José. **Manual Provas de Diagnóstico Operatório**. Edição C.E.M. Buenos Aires, 1979.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1991.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. 20ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MOURA, D. G. **Dimensão Lúdica no Ensino de Ciências**. Faculdade de Educação USP, 1999.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PETERSON, R. F.; COLLINS, V. **Manual Piagetiano para Professores e Pais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 18. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

RUBINSTEIN, Edith. A Especificidade do Diagnóstico Psicopedagógico. In: Sisto, F. et al. **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAMPAIO. **A Pedagogia do Ser:** Educação dos Sentimentos e dos Valores Humanos. São Paulo: Vozes, 20004

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica:** uma Visão Diagnóstica dos Problemas de Aprendizagem Escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WINNICOTT, M. L. L. **Paicopedagogia Clínica:** uma Visão Diagnóstica dos Problemas de Aprendizagem Escolar. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1996.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia:** Novas Contribuições. Org. e Trad. Andréia Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica.** Espistemologia Convergente. Petrópolis: Vozes, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO